



MANUELZÃO

61

ANO 14
MAIO DE 2011

UFMG Saúde, Ambiente e Cidadania na Bacia do Rio das Velhas

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Reconhecimento

Pampulha:
integração se
reflete em ações

História:
quadrinhos relembram
trajetória de mobilização

Revitalização:
imagens que
todos querem ver

Aglomerados

MOBILIZAÇÃO APESAR
DAS CARÊNCIAS

18

Mobilizadores 5
Segundo eles mesmos

Arrudas 8
Pensar grande

Entrevista 16
Estudando a participação

Vetor Norte 20
Atrás de alternativas



FOTO: CAMILLA BASTOS



Informativo do Projeto Manuelzão
UFMG e de suas parcerias
institucionais e sociais pela
revitalização da bacia hidrográfica
do Rio das Velhas. Fundado em
1997 na Faculdade de Medicina
da UFMG.

Coordenação Geral:
Marcus Vinícius Polignano
mupoli@medicina.ufmg.br
Apolo Heringer Lisboa
apololisboa@gmail.com
Coordenação NuVelhas:
Thomaz da Matta Machado
Biomonitoramento:
Marcos Callisto, Carlos Bernardo
Mascarenhas e Paulo Pompeu
Recuperação vegetal:
Maria Rita Muzzi
Mobilização social e
Educação ambiental:
Rogério Sepúlveda e
Tarcísio Pinheiro
Lísia Godinho
Comunicação Social:
Elton Antunes
Publicações:
Eugênio Goulart

Redação e Edição
Elton Antunes (MTb 4415 DRT/MG),
Camila Bastos, Isadora Marques,
Júlia Marques, Larissa Flores e
Mateus Coutinho

Apoio Editorial
Carol Scott

Diagramação e Ilustração
Eduardo Felipe, Ana Carolina
Caetano e João Henrique Capa:
Ilustração de Eduardo Felipe
Projeto gráfico: Atelier de
Publicidade do curso de
Comunicação Social da UFMG sob
a coordenação de Paulo Bernardo
Vaz.
Impressão: Fumar

É permitida a reprodução de matérias
e artigos, desde que citados a fonte e o
autor. Os artigos assinados não exprimem,
necessariamente, a opinião dos editores da
revista e do Projeto Manuelzão.

Universidade Federal de Minas Gerais
Departamento de Medicina Preventiva e
Social Internato em Saúde Coletiva
Avenida Alfredo Balena, 190, 8º andar - sl.
813, BH - MG. CEP: 30130-100
(31) 3409-9818 www.manuelzao.ufmg.br
manuelzao@manuelzao.ufmg.br

PARCERIAS E PATROCÍNIO



COLABORAÇÃO



51 municípios da Bacia do Rio das Velhas

Comitê da Bacia do Rio São Francisco

Olhar de perto

Caro leitor,

A criança que se olha no espelho leva um tempo para descobrir que aquela é a sua imagem. E quem nunca tentou se identificar em meio a outras pessoas em uma fotografia antiga? Ao telefone, buscamos logo distinguir a voz do outro lado da linha. E, se viajamos, a primeira coisa a fazer é observar, explorar e localizar-se em um novo ambiente. Reconhecer é um esforço de pesquisa, resgate de traços na memória.

Nessa edição buscamos reconhecer uma trajetória de mobilização social por meio dos Núcleos Manuelzão. Para contar essa história, foi preciso explorar jornais antigos e conversar com quem acompanha mais de perto esse trabalho (p.6). A partir daí, entender por que os mobilizadores da Sub-bacia do Arrudas reconhecem que ela vai além do Ribeirão canalizado (p.8). Percebemos que na região da Pampulha, alguns núcleos já se reconhecem como parceiros em atividades pela recuperação dessa região (p.10).

Já no Isidoro, norte da capital, a integração entre Núcleos é uma proposta para explorar novas ações que minimizem os impactos da urbanização (p. 20). E admitir dificuldades de se trabalhar em áreas de vulnerabilidade socioeconômica é o primeiro passo para mobilizadores que atuam em aglomerados (p. 18).

Alguns Núcleos Manuelzão já são reconhecidos por terem conquistado a revitalização de seus córregos (p. 14). Tem pesquisador que percebeu no Projeto Manuelzão um objeto de pesquisa para entender a mobilização social (p. 16). E quem melhor do que os próprios mobilizadores para distinguirem algumas de suas características (p. 5)?

Aos mobilizadores do Projeto Manuelzão, o nosso reconhecimento pelo trabalho que desenvolvem!

Esperamos que você também se reconheça nessas páginas!

Boa leitura!

Mata do Planalto

Não me mate, deixe-me viver.
 Não corte os meus troncos
 E os jogue em qualquer canto.
 Deixe-me proteger
 Quando o vento vem forte,
 Quando brando me acalma.
 A chuva que transcorre
 Por entre meus galhos floridos
 Me fortalece, me dá vida.
 Os ruídos se absorvem
 Acalentando o sono de quem dorme.
 Deixe-me dançar ao som dos pássaros.
 O irmão oxigênio exalando das minhas entranhas
 Alimenta tantas vidas humanas e animais.
 Em época de aquecimento global
 E de mudanças climáticas,
 Destruir a biodiversidade
 É um pecado capital.
 As futuras gerações merecem
 Um ambiente preservado e equilibrado.
 Deixe-me clarear a lua cheia
 E aos olhos de quem vê
 Se extasiar com tanta beleza!
 É a mão de Deus ali presente!

Magali Ferraz Trindade, mobilizadora do Núcleo Bacaurus

“Um país que acredita que o combustível fóssil será seu passaporte para o futuro não está de acordo com um mundo que busca outras fontes de energia”

FÁBIO FELDMANN, EX-SECRETÁRIO DE MEIO AMBIENTE DE SÃO PAULO, DURANTE 2º FÓRUM MUNDIAL DE SUSTENTABILIDADE, REALIZADO EM MANAUS

“Os mobilizadores são pessoas inquietas, especiais, que fazem mil coisas. São pessoas diferentes, independente da idade. Pode ser gente de 70 anos, elas tem um espírito jovem de mudança”

DANIELA CAMPOLINA, BIÓLOGA ESPECIALISTA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL E ESTAGIÁRIA DO GRUPO DE EDUCAÇÃO E MOBILIZAÇÃO DO PROJETO MANUELZÃO

“Em 10 anos, vamos passar a produzir mais do que o dobro das 3,3 mil toneladas [de resíduos sólidos] diárias atuais. Podemos chegar a até 7 mil toneladas/dia. Nenhuma cidade suporta isso”

ROGÉRIO SIQUEIRA, DIRETOR DE OPERAÇÕES DA SUPERINTENDÊNCIA DE LIMPEZA URBANA, SOBRE O AUMENTO DO LIXO EM BH



O Projeto Manuelzão recebe cartas, músicas, poesias e mensagens eletrônicas de vários colaboradores. Nesta coluna, você confere trechos de algumas dessas correspondências. Envie também sua contribuição. Participe da nossa revista! revista@manuelzao.ufmg.br

A mobilização e a transformação socioambiental

MARCUS VINICIUS POLIGNANO
Coordenador geral do Projeto Manuelzão

A mobilização sempre foi uma ação estratégica do Projeto Manuelzão.

A mobilização é um movimento democrático que procura convocar as pessoas para debaterem e agirem em prol de um objetivo comum. O Projeto Manuelzão trouxe a questão ambiental para o foco dos debates. Por meio da abordagem sistêmica das águas procuramos criar um movimento social forte para abordar problemas críticos como planejamento ambiental, drenagem, erosão, assoreamento, deslizamento, enchentes, usos das águas, coleta e tratamento de esgotos, lixo, poluição de rios, perda de biodiversidade, saúde, educação, cultura.

O território das águas, a bacia hidrográfica, demonstra claramente a contradição das relações socioambientais e econômicas na medida em que poluímos e matamos os rios do mundo. O movimento Manuelzão elegeu a bacia do Rio das Velhas como exemplo de luta pela revitalização dos rios do mundo.

Se a pesquisa, através do biomonitoramento, nos deu informações sobre os peixes do rio, a mobilização nos deu o rumo para a revitalização.

A construção do imaginário em torno da volta dos peixes permitiu que todos, moradores do campo e da cidade, empresários e poder público entendessem a importância do rio para a biodiversidade, incluindo a própria espécie.

Os núcleos Manuelzão, criados a partir das **microbacias**,

começaram a discutir os problemas locais gerados pela falta de saneamento e presença de vetores, que levaram à contaminação dos córregos e às doenças.

A compreensão de que a melhoria da qualidade de vida e saúde dependia da qualidade das águas e não das canalizações foi fundamental para que as comunidades lutassem pela revitalização de córregos urbanos, como o Nossa Senhora da Piedade, Bacuraus, Santa Terezinha, dentre outros.

As Expedições Manuelzão foram momentos de grande significância para o Projeto, quando milhares de pessoas ao longo do Rio expressaram o seu sentimento de pertença e o compromisso com o destino do Rio das Velhas.

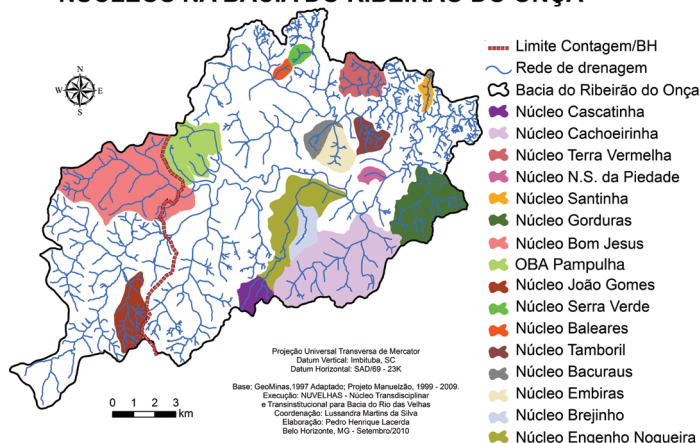
A força dessa mobilização culminou com a proposição da Meta 2010, posteriormente encampada pelo governo do estado como uma política pública.

O movimento não vive somente de vitórias, e por vezes temos assistido ações do poder público e privado contrárias ao que o movimento defende, como a construção do Boulevard Arrudas e a falta de integração da gestão ambiental com a gestão das águas.

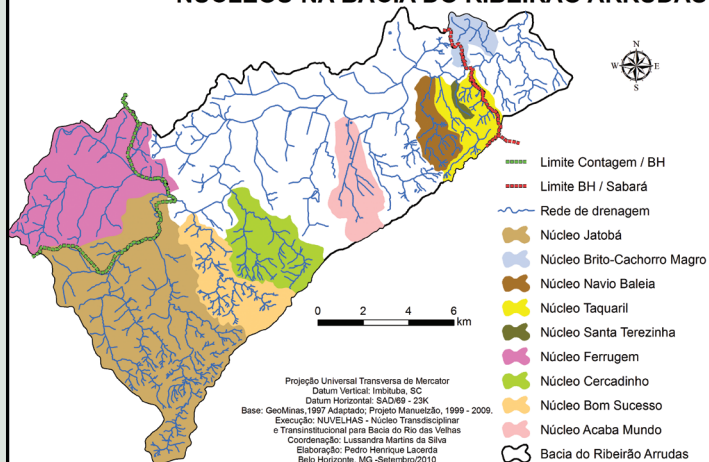
Mas, apesar de tudo, o Projeto Manuelzão continua crescendo, pois a nossa mobilização fortalece o sentimento de que todos somos habitantes de um único território — Planeta Terra —, e que a revitalização dos rios do mundo é um passo importante na reconstrução das nossas relações ecossistêmicas. ●

Confira os mapas com a localização dos núcleos nas sub-bacias do Arrudas e do Onça

NÚCLEOS NA BACIA DO RIBEIRÃO DO ONÇA



NÚCLEOS NA BACIA DO RIBEIRÃO ARRUDAS



Ser mobilizador é...

Batalhadores, insistentes, sonhadores, educadores... todas essas são características dos mobilizadores dos Núcleos Manuelzão. Durante a produção dessa revista conversamos com muitos deles e, mesmo em um contato breve, pode-se perceber o quanto essas pessoas são múltiplas. Atuam em questões ambientais, mas também se preocupam com trabalhos sociais, realizam

eventos em seus bairros, são referência para a comunidade, dialogam, propõem, opinam, estão aqui e lá...

Não existe um único perfil para o mobilizador. Optamos por deixar que eles mesmos, a partir dos depoimentos organizados abaixo, nos oferecessem sua visão sobre o que é ser um mobilizador. Você se reconhece em algum deles?

“ Ser otimista. Entender e saber ouvir. Não acreditar só no ‘eu’, **acreditar** no “nós”

“ Nunca parei para **pensar**. A gente faz”

“ Sinto como se estivesse acendendo luz num quarto escuro pra algumas pessoas. Você está apontando um **caminho**, mostrando que pode ser diferente. É renovador”

“ Ter uma ação de chamar para participar e fazer **trocac** de experiência”

“ Primeiro é ter credibilidade na comunidade. Segundo, faz parte de uma missão, e da pessoa ter o espírito de **luta**. De não ser acomodado, de acreditar em dias melhores, e de não querer mudar simplesmente a sua vida, mas querer que a comunidade tenha o mesmo êxito que ela teve”.

“ Uma pessoa que pensa na união, que juntos a gente e vai **refletir** sobre a realidade e pensar uma forma de contribuir para encontrar saídas para os problemas. Despertar no outro o interesse pelas questões ambientais, que ele também pode contribuir”

“ Provocar para a **ação**”

“ Temos que acreditar no que buscamos e ter seriedade. É importante estudar, ter uma argumentação para poder convencer e fazer o outro se **comprometer** com as mesmas causas. E ver que você não vende uma idéia por vender, você está vendendo com uma verdade. E nem é vender, é distribuir, porque o nosso trabalho é voluntário”.

“ Ser um articulador de ideias e ações de forma a **sensibilizar** os parceiros”

“ É ser um elo, uma ligação entre aquilo que eu penso e as pessoas de uma região. É incentivar, motivar, implicar, levar a pergunta, a reflexão, **propor** ações. É ser um comunicador daquilo que eu vejo que é melhor pro meio ambiente, para uma região, enfim, para o planeta”

“ O mobilizador tem uma função de administrador. Ele tem de **trabalhar** de tal maneira que as pessoas produzam trabalho, dediquem alguma coisa”

“ Acho **fantástico** esse trabalho de mobilização. Temos muito trabalho e não nos limitamos a nos preocupar somente com o nosso Córrego, o entorno também é importante para nós”

“ A sensação é de que você está contribuindo está fazendo sua **parte**. Se der certo, é um mérito. Se não der, sua parte você fez”

“ É uma questão mesmo de **solidariedade**. Você não pode deixar as coisas acontecerem e fazer de conta que não está vendo. É o ser humano que está em jogo, cada um tem que fazer sua parte”

“ É um modo de **aproximar** as pessoas”

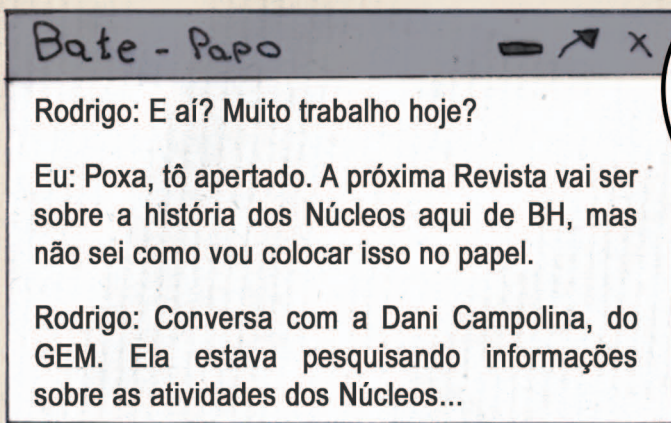
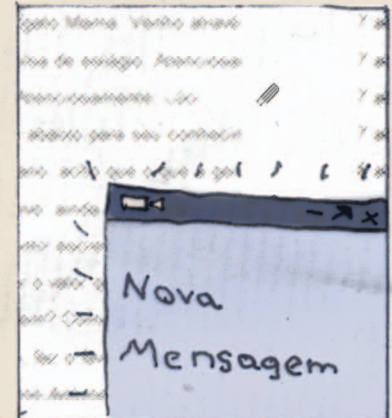
“ Vim do interior, então vivi em abundância de água, de mata, de pássaros. Hoje ser mobilizador é até uma questão de

“ Ter **atitudes** coerentes com o discurso”

honra”

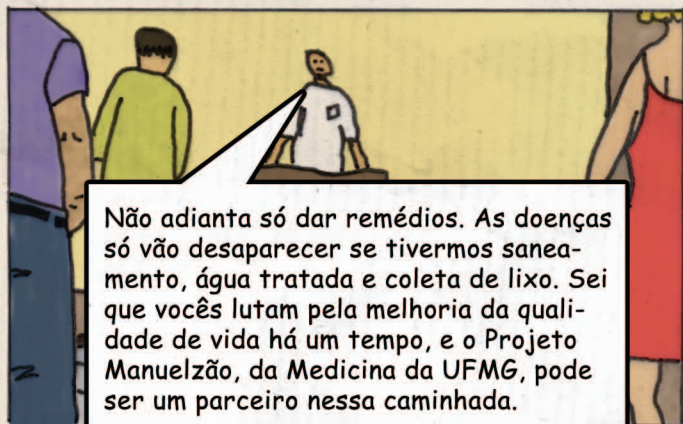
“ Estou trabalhando em prol de melhor **qualidade** de vida, pra mim talvez não, mas para os meus filhos e netos e pra comunidade também, no geral. É gratificante”

NÚCLEOS MANUELZÃO EM: CONTANDO HISTÓRIAS





Febre, diarreia, náuseas... os mesmos sintomas de dois meses atrás.



Não adianta só dar remédios. As doenças só vão desaparecer se tivermos saneamento, água tratada e coleta de lixo. Sei que vocês lutam pela melhoria da qualidade de vida há um tempo, e o Projeto Manuelzão, da Medicina da UFMG, pode ser um parceiro nessa caminhada.



E aí surgiram os Comitês Manuelzão, grupos locais criados para discutir e lutar por soluções de problemas que atingem as comunidades da Bacia do Velhas. Eles são a expressão local do Projeto e todos podem participar.



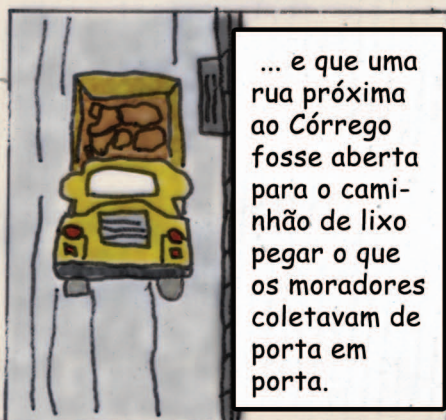
Em 2005, no Encontro de Comitês Manuelzão, ficou combinado que eles seriam chamados Núcleos, como forma de diferenciá-los dos comitês e subcomitês da Bacia, outras ferramentas de participação estimuladas pelo Projeto.



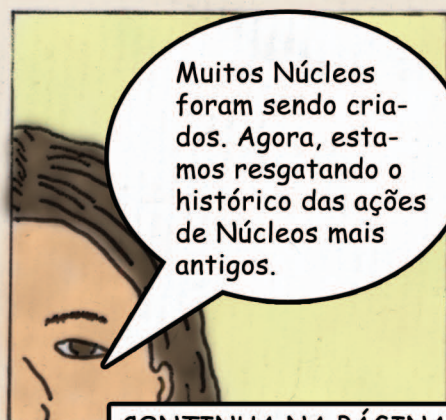
O Santa Terezinha, no Alto Vera Cruz, em Belo Horizonte foi o primeiro Núcleo.



Logo no início, ele conseguiu que os becos fossem melhorados...



... e que uma rua próxima ao Córrego fosse aberta para o caminhão de lixo pegar o que os moradores coletavam de porta em porta.



Muitos Núcleos foram sendo criados. Agora, estamos resgatando o histórico das ações de Núcleos mais antigos.

O que segura o rio vivo?

NÚCLEOS MANUELZÃO NO ARRUDAS MOSTRAM QUE
É POSSÍVEL SE MOBILIZAR MESMO COM O RIBEIRÃO CANALIZADO

CAMILA BASTOS E JÚLIA MARQUES

Estudantes de Jornalismo da PUC Minas e de Comunicação Social da UFMG

A situação é crítica e a doença não para de se espalhar, contaminando cada célula viva. Muita gente desistiu, disseram que não tem mais jeito. Preferem fingir que ele nem está mais lá e o caixão já está sendo tampado. O Boulevard Arrudas é um projeto da Prefeitura de Belo Horizonte que tem como justificativa a melhoria do trânsito na capital para a Copa de 2014 [leia mais na matéria “Imaginários para o concreto”, edição 60]. Isso implica na cobertura de 1.300 metros do Ribeirão no trecho entre a Avenida Barbacena e a Rua Carijós. No total 27,8 km do Arrudas estão canalizados.

Mas ele não morreu. Há esperança de vida e alguns continuam cuidando do Ribeirão Arrudas, incansavelmente. Essas pessoas entendem que o Arrudas é mais que um rio canalizado: faz parte de uma bacia de 208,47 km², cheia de nascentes e 22 afluentes principais. O Ribeirão nasce na região do Barreiro, em Belo Horizonte e passa também pelo município de Contagem até desaguar no Rio das Velhas, em Sabará, após percorrer 44,7 km de extensão.

Os núcleos Manuelzão da Sub-bacia do Arrudas, como o Jatobá, o Cercadinho e o Ferrugem, são exemplos de mobilização pela revitalização da Bacia.

QUEM ESTÁ EM VOLTA

O trabalho de mobilização social sobre esses afluentes e nascentes ainda dá esperança de vida ao Arrudas. “Nascente é vida. É lindo ver água brotar do chão. É a vida nascendo e renovando ali”, diz Dona Ivana, do Núcleo Jatobá, na região do Barreiro, há mais de 30 anos na luta pela preservação. Onze anos atrás, veio o apoio do Projeto Manuelzão, para “trazer uma luta que não era simplesmente pelo meio ambiente, mas também por uma consciência crítica, política, comunitária, pelo desenvolvimento social”, conta ela.

Na mesma época, surgia o Núcleo Ferrugem, para cuidar do Córrego que nasce em Contagem. O Ferrugem é em grande parte canalizado, mas isso não faz com que sua preservação seja menos importante. É um dos maiores afluentes em volume de água. “O Arrudas sem Ferrugem não é Arrudas”, conta Cecília Rute, mobilizadora do Núcleo, ativo há mais de dez anos.



FOTO: MARIANA GARCIA

Quem passa pela Avenida dos Andradas, em Belo Horizonte, nem se dá conta de que ali há um rio

Já na Região Oeste de BH, o Arrudas recebe as águas do Córrego Cercadinho, que ainda corre em grande parte em leito natural. “Mesmo que o Arrudas esteja canalizado, a gente tem que revitalizar nossos afluentes. E o nosso aqui é o Cercadinho, que sempre lutamos por ele”, acredita Antônio Garcia – o Cigano –, mobilizador do Núcleo e morador da região há mais de 30 anos.

O fato de o Arrudas estar canalizado pode tornar ainda mais difícil o trabalho de mobilização. “Diminui o interesse, você não vê o Rio. (...) Quando se respeita as suas características naturais é mais fácil interagir com ele”, explica o professor e parceiro nas ações de mobilização da região do Jatobá, Emanuel Vitor. ●

CERCADINHO: MOBILIZAÇÃO ANTIGA

Cigano e José Maria Souza são referências para a comunidade do Havaí e de bairros adjacentes. O envolvimento de José Maria com as questões da comunidade ganhou força quando se aposentou e entrou para a Associação de Bairro, em 1991. Cigano pegou carona no gosto pelo futebol, fundou uma escolinha para a criançada do bairro e foi “pescado” para se envolver também com as questões de saúde, educação e meio ambiente.

São histórias que se encontraram na fundação do Núcleo Cercadinho, e ganharam aliados, como a professora Aimée Figueiredo, que compõe a Comissão de Meio Ambiente, uma Organização da

Sociedade Civil por meio da qual o Núcleo atua. Eles desenvolvem ações de educação ambiental, campanhas e oficinas em parcerias com algumas instituições na região.

O Núcleo ainda se ressentia da falta de ações mais direcionadas na calha do Cercadinho. Grande parte do esgoto já é coletada e o mau cheiro diminuiu muito. Mas ainda precisam enfrentar o desafio de conter a ocupação irregular e a especulação imobiliária. “O trabalho é bastante pesado, mas a gente tem o prazer de estar nisso aí”, afirma José Maria. “Atuando no local porque é o local onde a gente vive”, completa Aimée.



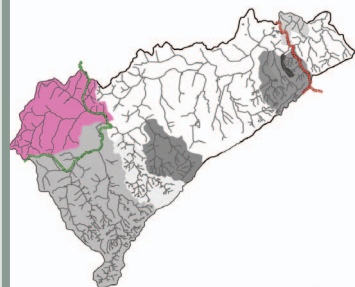
FERRUGEM: FORÇA NA ARTICULAÇÃO

O Núcleo Ferrugem, na Região Oeste de Belo Horizonte, surgiu em 2001. Foi um dos primeiros, e logo depois veio a ideia de lutar pelo Parque Ecológico. A fundação do Parque aconteceu em 2004, mesma época em que o Núcleo passou a atuar por meio da Ong Conviverde, fundada por Cecília Rute e Zélia Romualdo.

Elas atuam no subcomitê do Arrudas, onde podem lutar pelas demandas do Ferrugem. Cecília acredita que a Conviverde dialoga bem com o

poder público e possui boa articulação, o que facilita o trabalho de preservação. No Parque estão três nascentes e “a preservação daquele oásis naquele conjunto de prédios é de suma importância”, afirma.

Atualmente, o Núcleo luta pela retirada dos esgotos da Bacia, pela desocupação de áreas próximas ao Córrego e tem ações bem sucedidas, como garantir a não canalização a montante (parte mais próxima à nascente) do Ribeirão Arrudas.

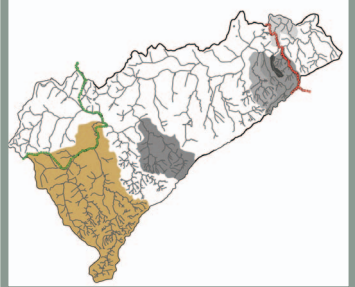


JATOBÁ: ONDE NASCEM AS AÇÕES

No Vale do Jatobá, a mobilização social acontece de forma organizada desde 1981. O Clube de Mães surgiu para lutar pela preservação das nascentes e das praças da região. “Éramos mulheres militantes da Igreja Católica e fizemos uma pesquisa no Vale, levantando as necessidades que existiam”, conta Dona Ivana.

Os maiores problemas ambientais da região estão relacionados à mineração da Serra do Rola Moça, à ocupação desordenada e à pro-

liferação de vetores de doenças, como ratos e mosquitos. Dona Ivana participa de reuniões do Subcomitê do Ribeirão Arrudas e conta que é possível levar as demandas do Vale do Jatobá para serem discutidas lá, mas gostaria que mais pessoas se interessassem. O poder público, muitas vezes, mais atrapalha do que ajuda: um conjunto habitacional, por exemplo, foi construído pela Prefeitura de BH em cima de nascentes do Arrudas, no vale do Jatobá.

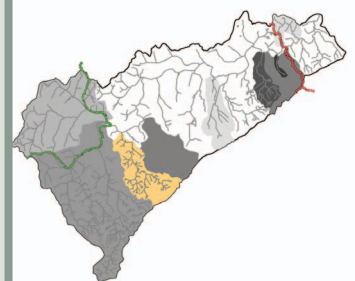


BONSUCESSO: EM BUSCA DE MAIS

O Bonsucesso é um córrego que nasce no bairro Olhos d'Água, região do Barreiro, e deságua diretamente no Arrudas. Antes da formação do Núcleo, há cerca de dez anos, a mobilização acontecia por meio da Associação de Bairro. Hugo José Lima, mobilizador do Núcleo, conta que nessa época se pensavam as melhorias da região em relação à infraestrutura. Com a formação do Núcleo, a visão dos mobilizadores se ampliou. “Preocupávamos com o meio ambiente, mas não com esses valores que a gente tem hoje”, destaca.

O Núcleo acompanha as obras do Programa de

Recuperação Ambiental (Drenurbs) no Córrego. No início deste ano ficou pronta uma bacia de contenção, criada com o objetivo de minimizar o impacto das cheias no Arrudas. Pessoas que moravam na beira do Córrego também foram realocadas, mas problemas como lançamento de esgoto ainda persistem em algumas casas. Nem as dificuldades locais, nem a canalização do Arrudas desanimam a mobilização. “Se pensarmos que não vamos fazer aqui porque ali na frente não está legal, não funciona. A gente consegue mobilizar aqui, com todas as limitações, mas é aqui que moramos”, destaca Hugo.



Todos caminhos levam à... Pampulha

ARTICULAÇÃO DE NÚCLEOS DO ONÇA FORTALECE MOBILIZAÇÃO PELA BACIA

JÚLIA MARQUES E MATEUS COUTINHO
Estudantes de Comunicação Social da UFMG

Igrejinha, clubes, museus... É difícil passar pela Avenida Otacílio Negrão de Lima, em Belo Horizonte, sem notar os diferentes atrativos do Complexo da Pampulha. Mas, ao mesmo tempo que atrai, a Pampulha também incomoda: lixo, mau cheiro, lançamento de esgoto, assoreamento e ocupações irregulares ao longo de décadas vêm transformando o que era pra ser um cartão-postal da cidade em desafio para mobilizadores que compõem os Núcleos Manuelzão na Sub-bacia do Ribeirão do Onça.

Inaugurada em 1938, a partir do represamento do Ribeirão Pampulha, a Lagoa foi planejada para ser um centro de lazer e turismo, abastecer parte da cidade e conter as cheias de cerca de 40 cursos d'água que compõem a Bacia da Pampulha. Mas, nas últimas três décadas, a Pampulha perdeu metade de sua capacidade de retenção de água, hoje estimada em 9 milhões de m³. E desde a inauguração até o ano de 1998, perdeu 40% da área do espelho d'água. Atividades industriais, aterros sanitários, áreas de bota-fora e loteamentos residenciais contribuíram para assorear e poluir a represa.

EM BUSCA DA INTEGRAÇÃO

São Francisco, Engenho Nogueira, Cascatinha e Bom Jesus são alguns dos córregos que passam por Belo Horizonte e Contagem e deságuam na Pampulha. O Ribeirão Pampulha, por sua vez, deságua no Onça, que se encontra com o Rio das Velhas. Os Núcleos Manuelzão têm trabalhado pela revitalização desses afluentes. “O

córrego que passa atrás da minha casa é o mesmo que chega à Lagoa da Pampulha, então ele tem que estar limpo porque faz parte da Bacia”, conta a estudante de Gestão Ambiental e estagiária do Núcleo OBA Pampulha, Laila Carolina.

Para dar conta desse desafio, três núcleos da Sub-bacia do Onça – Engenho Nogueira, Brejinho e Cascatinha – já trabalham integrados desde 2009, com reuniões conjuntas, partilhando experiências e demandas. Ano passado, o Programa Pampulha Viva, uma ação de sensibilização e educação ambiental para a situação da Lagoa, coordenada por um consórcio de instituições públicas e privadas, contou com a atuação integrada desses e outros núcleos da região. “Uma coisa que queremos fazer esse ano é uma parceria com outros núcleos. No último Encontro [de Núcleos Manuelzão] já começamos a tecer essa rede de relações pra fazer isso. Mas é um trabalho que demanda tempo”, comenta o mobilizador do Núcleo João Gomes, Carlos Alberto Ferreira, o Carlão.

ENGENHO NOGUEIRA, DE ALTO A BAIXO

Situada na região Noroeste de Belo Horizonte, com 2.810 metros de cursos d'água que abrangem 21 bairros, a Sub-bacia do Engenho Nogueira faz parte da do Onça e é uma das mais importantes para a Pampulha. Lá foram formados os Núcleos Cascatinha, Engenho Nogueira e Brejinho, que mesmo atuando em regiões diferentes da Sub-bacia procuram estar sempre integrados, partilhando experiências e propondo ações para o Córrego. ●



CASCATINHA: ENVOLVIMENTO

Na região do Alto Engenho Nogueira, desde 1986, a população luta pela preservação de seus cursos d'água. A antiga Associação dos Moradores do Jardim Caiçara por muito tempo batalhou e, em 1994, conquistou o Parque Ecológico do Bairro Caiçara. Lá se pode ver, em meio a vegetação, quadras esportivas e um parque infantil, o Córrego Cascatinha que tem sua queda d'água ainda preservada, graças a ação do Núcleo que conseguiu impedir sua canalização.

Em 2003 os mobilizadores da região tiveram seu primeiro contato com o Manuelzão e perceberam como sua luta estava ligada à proposta do Projeto. Foi criada então, o Núcleo Manuelzão Cascatinha, que hoje já

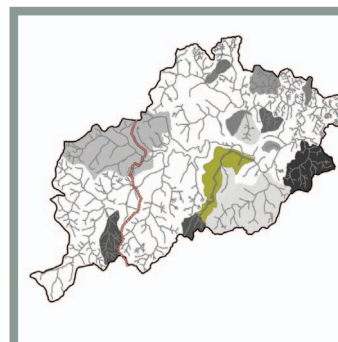
conta com cerca de 80 participantes. Eles produzem o jornal de bairro “Caiçaras”, uma importante ferramenta de comunicação e constituíram uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIPI). Com isso o Núcleo tem uma representação jurídica própria, podendo ainda receber doações.

O Núcleo continua com sua luta pela preservação dos cursos d'água, que ainda recebem poluição e sofrem com as ocupações irregulares. Hoje existe captação de esgoto nas casas, graças à pressão do Núcleo, e obras do Drenurbs na região, como a bacia de contenção no Engenho Nogueira.





FOTO: JÚLIA MARQUES



Criado em 1994, o Parque Ecológico do Bairro Caiçara, em BH, abriga Córrego Cascatinha

ENGENHO NOGUEIRA: APOIO BOM, PARTICIPAÇÃO NEM TANTO

No Médio Engenho Nogueira, a região é marcada pela presença de instituições públicas como a UFMG, o Colégio Militar, o Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Exército e o Aeroporto da Pampulha, além de grandes empresas como a Coca-Cola e o shopping Del-Rey. Em 2004 o Núcleo Engenho Nogueira foi instituído, como uma condicionante da construção de dois prédios no Campus Pampulha da UFMG. Hoje ele tem reuniões fixas que, como explica a servidora da UFMG e uma das mobilizadoras do Núcleo, Alcione Aguiar Souza, são itinerantes para integrar os diferentes membros.

Alcione lembra que por ter tantas instituições e

empresas grandes próximas ao Córrego Engenho Nogueira é mais fácil conseguir parcerias para as ações. Mas ainda assim falta mais sensibilização da população – a maioria são trabalhadores de empresas ou membros da universidade – que não tem a noção de pertencer à Bacia. Esse é o maior desafio do Núcleo.

Mesmo com ações de captação de esgoto da Copasa e obras do Drenurbs – como a bacia de contenção feita na Estação Ecológica da UFMG – o Córrego continua poluído e assoreado em vários pontos e precisa ser revitalizado: “queremos que as pessoas se sintam bem e cuidem daquele lugar, é um projeto grande, mas é o que esperamos”, ressalta Alcione.

BREJINHO: O HÓSPEDE ESQUECIDO

No bairro Liberdade, próximo ao campus da UFMG, em meio a vários prédios, passa o Córrego São Francisco, localizado no Baixo Engenho Nogueira. As sete nascentes do Córrego, que é afluente do Engenho Nogueira, ficam ali próximo, numa área verde conhecida como Brejinho e muito visitada pela escola da região, preocupada com a educação ambiental. A comunidade, junto a Escola Aurélio Pires, foi percebendo a importância de se preservar as nascentes e, desde 1998, luta pela criação de um parque na região. Em 2001 eles tiveram contato com o Manuelzão e estabeleceram o Núcleo Brejinho. Passeatas, palestras e ações de educação ambiental foram algumas das atividades desenvolvidas por eles que, em 2006, conseguiram, por meio do Orçamento Participativo Digital, recursos para tentar construir o parque.

Mas a área de 73.000 m² é uma propriedade privada e o recurso público não chegou

nem perto dos milhões oferecidos por uma empreiteira que pretende construir um hotel ocupando 20.000 m². A comunidade conseguiu apenas cercar a área que restou do que seria o parque.

Quem passa por lá hoje vê uma portaria abandonada, alguns ônibus estacionados em meio ao matagal e as nascentes que sobram (duas delas estão na área do hotel). “Esse ano ficamos sabendo que perdemos a maior parte do que tínhamos conseguido”, conta Dalva Lara Corrêa, pedagoga e mobilizadora do Núcleo. Segundo ela, os proprietários entraram com recurso na justiça e conseguiram grande parte da área de volta. “Tem dois anos que está abandonado, mês passado a prefeitura fez uma limpeza, mas fui lá há pouco tempo e vi que colocaram fogo até em árvores que tínhamos plantado”, lamenta Dalva, que diz ter medo de passar pela área abandonada.

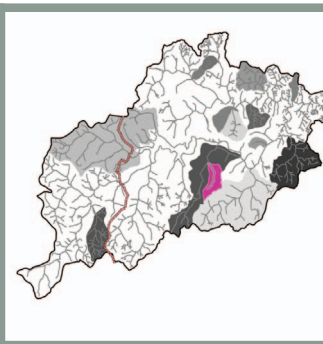


FOTO: MATEUS COUTINHO



Na região onde deveria estar um parque no Brejinho, nascentes são destruídas



JOÃO GOMES: A TODO VAPOR

Pela movimentação dos corredores da Escola Municipal Maria Silva Lucas – CAIC Laguna é possível perceber que ali há muita atividade. Foi numa das salinhas, entre as mesas pequenas e os materiais feitos de garrafa pet, que conversamos com parte da equipe de Educação Ambiental do CAIC Laguna. Armezinda Baiense, Osmar Ramos e Elen Melo são educadores e compõem atualmente o Núcleo João Gomes, um dos mais recentes Núcleos Manuelzão, fundado em 2008 por iniciativa de professores que já realizavam atividades de educação ambiental com seus alunos. Hoje, o Núcleo envolve outras cinco escolas e duas associações de bairro que buscam melhorar a qualidade ambiental da Bacia do João Gomes, Córrego canalizado que deságua direto no Sarandi, afluente do Ribeirão Pampulha.

A grande questão ainda é garantir a intercepção do esgoto. Além das atividades de

educação ambiental que a equipe desenvolve dentro da escola, os mobilizadores procuram irradiar as ações para toda a comunidade da região e levar as demandas para o poder público. Uma das formas de possibilitar essa discussão é através da Associação de Bairro, por meio de pessoas como Carlão, presidente da Associação dos moradores do bairro Colorado e mobilizador do Núcleo.

O Núcleo João Gomes está com gás total para ir adiante e consciência de que há muito trabalho pela frente. Reconhecem na educação o início e o fim de toda a trajetória de mobilização. “É uma responsabilidade muito grande nosso papel na sociedade de mexer com essas pessoas, de pensarem na escola não como quem repassa um conhecimento, não, mas a escola mexendo com o sujeito pra ele mudar o nosso meio”, enfatiza a educadora e mobilizadora, Armezinda Baiense.



FOTO: MATEUS COUTINHO

Lançamento de esgoto no Córrego João Gomes, em Contagem, interfere na qualidade ambiental da Pampulha



OBA PAMPULHA: AUTONOMIA

Olhos d'água, Braúnas e AABB. As iniciais de cada um desses córregos, que deságuam direto na Lagoa da Pampulha, formam o nome do Núcleo, fundado no início de 2009. A região sofre lançamento de esgoto e ocupação irregular. Desses três córregos, apenas o Braúnas ainda tem boa qualidade de água, mas uma proposta de canalização do Córrego colocou em alerta o proprietário de um restaurante situado na Bacia do Braúnas, Marcelo Haddad. “A gente fez uma reunião, convidamos o pessoal do bairro, moradores, escolas e aí começou esse interesse por esses assuntos ligados ao meio ambiente”, explica.

Educação ambiental nas escolas, capacitação de professores, limpeza e identificação de nascentes são algumas das atividades desenvolvidas pelo Núcleo. Um circuito gastronômico anual que envolve dez restaurantes da região angaria recursos para as ações do OBA de preservação da Pampulha. O Núcleo tem grande autonomia e consegue firmar parcerias importantes com o poder público e empresas para a realização das ações. Marcelo destaca a importância de envolver a comunidade local. “A comunidade é forte, se a gente não for apoiado por ela não vai conseguir transformar uma dessas bacias em parque linear ou então em uma área de preservação”, imagina.



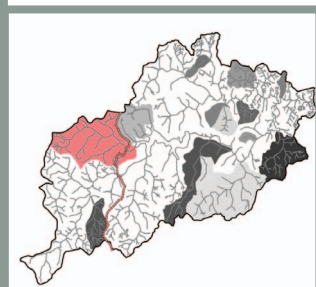
Deposição inadequada de lixo é um dos principais desafios do Bom Jesus/Banguelo

BOM JESUS/BANGUELO: NECESSIDADE DE ARTICULAR

Entulho, lixo, dengue e esgoto... Esses são os principais desafios do Núcleo Bom Jesus/Banguelo, que cuida de dois córregos que correm no município de Contagem e deságuam diretamente na Pampulha, na região do zoológico. Atualmente esses córregos vem passando por processo de interceptação de esgoto.

Seu Tito, mobilizador do Núcleo, destaca a importância dos córregos da região para a revitalização da Bacia da Pampulha. “Não adianta nada limpar a Lagoa se a boca do Bom Jesus/Banguelo é exatamente no zoológico”, destaca. Ele participa também das reuniões do Subcomitê do Onça, mas percebe que a atuação do Núcleo ainda esbarra em entraves burocráticos e dificuldades de negociação com o poder público.

Segundo a bióloga e mobilizadora do Grupo de Educação e Mobilização do Projeto Manuelzão, Daniela Campolina, é preciso fortalecer as ações no Bom Jesus/Banguelo por meio da integração com os outros núcleos da região da Pampulha.



Metas para a Copa

De acordo com o gerente de planejamento e monitoramento ambiental da Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Weber Coutinho, uma meta já firmada com a Copasa garante a coleta e interceptação de 95% dos esgotos dos córregos que lançam águas na Pampulha até julho de 2013, ano da Copa das Confederações. Hoje, segundo ele, cerca de 60% do esgoto que cai na Pampulha

já está interceptado. Com relação ao assoreamento está prevista a retirada de 700 mil metros cúbicos de sedimentos da Lagoa no mesmo prazo. Essas ações são fomentadas pelo Programa de Recuperação da Lagoa da Pampulha (Propam) a partir de recursos provenientes do governo municipal, estadual e federal. O Propam também desenvolve atividades de educação ambiental e mobilização social de moradores da Bacia.

O sonho de todos

COM MOBILIZAÇÃO SOCIAL, NÚCLEOS CONQUISTAM AVANÇOS NA REVITALIZAÇÃO DE CÓRREGOS DE BH

ISADORA MARQUES

Estudante de Comunicação Social da UFMG

Quem nunca ouviu uma pessoa mais velha contar de quando brincava no rio? As cidades nasceram e cresceram no entorno dos cursos d'água. No princípio da ocupação, as pessoas procuravam se instalar próximo às margens porque dependiam da água para uma série de atividades. Com a expansão das cidades, as águas foram contaminadas pelo lançamento de lixo e esgoto. E em muitos casos, o rio, que era local de vida, foi canalizado e sumiu da paisagem. Os córregos Santinha, Nossa Senhora da Piedade, Baleares e Joões já foram muito poluídos e hoje estão revitalizados. Seja na Bacia do Onça ou do Arudas, esses são exemplos bem sucedidos de revitalização de cursos d'água fundamentais para o Velhas. Cada caso é um caso, mas a mobilização da própria comunidade com a atuação dos Núcleos Manuelzão foi um fator fundamental. “Todos os membros [do Núcleo] já tinham o sentimento de pertencer ao lugar e uma afinidade com as questões da natureza. O Manuelzão só reforçou isso”, destaca a assistente em administração da Unidade Funcional de Pediatria do Hospital das Clínicas da UFMG e mobilizadora do Núcleo Navio/Baleia, Mércia Inês Pereira. Seja por meio das associações de bairro, escolas, igrejas, de tudo isso junto ou mesmo da ação individual, uma coisa é certa: houve muito esforço. Conquista de parques lineares, córrego em leito natural e melhorias de saúde para a população: para os que conseguiram chegar lá, o desafio agora é continuar com a revitalização. ♦

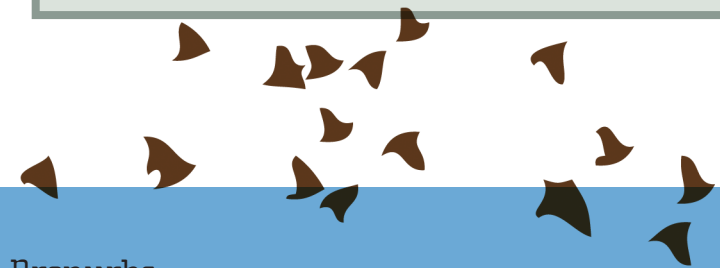


SANTINHA: ATÉ BANHO NO CÓRREGO

Nascentes e matas ciliares preservadas, córrego correndo limpo e em leito natural. O Núcleo Santinha, no bairro Ribeiro de Abreu, Região Norte de Belo Horizonte, conseguiu o que muitos desejam alcançar. Mas nem sempre o cenário foi tão agradável. As casas que existiam na beira do Córrego Santinha – afluente do Ribeirão do Onça –, lançavam esgoto diretamente em suas águas. Segundo o mobilizador do Núcleo, Seu Thomaz de Oliveira, os moradores da região já discutiam a revitalização e preservação do Córrego antes mesmo de existir o Núcleo.

A revitalização teve início a partir da construção de uma rua na margem do Córrego, prevista pelo Orçamento Participativo de 2001. “A proposta inicial era canalizar. Mas conversamos com a Prefeitura e conseguimos a remoção dos moradores da margem do Córrego e a manutenção do leito natural. Então fizemos uma campanha junto à Copasa para colocar os interceptores de esgoto, que foram instalados entre 2009 e 2010”, explica Seu Thomaz. Hoje as pessoas tomam banho no Santinha e fazem trilhas ecológicas em sua extensão.

O Núcleo sempre promove diversos eventos e, no ano passado, realizou a primeira jornada de saúde ambiental, com o envolvimento de escolas e centros de saúde. Outros colaboradores são a associação de bairro, a igreja e um grupo maçom. “Também caminhamos junto com o Quilombo das Mangueiras e o Movimento Deixe o Onça Beber Água Limpa, mas as iniciativas têm partido sempre do Núcleo”, destaca o mobilizador. Ele também observa que a população, de modo geral, já tem novos hábitos, como fiscalizar e controlar a sujeira deixada no Córrego pelos visitantes.



Drenurbs

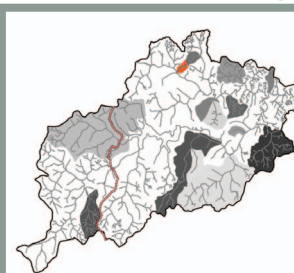
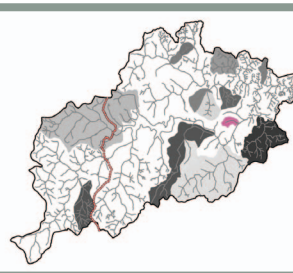
O Drenurbs é um programa da Prefeitura de Belo Horizonte e tem a proposta de revitalizar córregos degradados e não canalizados da cidade. Já foram entregues projetos nas bacias dos Córregos Primeiro de Maio, Nossa Senhora da Piedade e Baleares. Hoje, o trabalho está em fase de andamento nos Córregos Engenho Nogueira e Bonsucesso. Apesar da idéia de evitar as canalizações, a própria Prefeitura tem realizado intervenções que contrariam essa lógica.



PIEDADE: CONQUISTA COLETIVA

Quem visita hoje o Parque Nossa Senhora da Piedade, no bairro Aarão Reis, na Região Norte de BH, vê as nascentes preservadas, o córrego cheio de peixes, com patos nadando e árvores ao redor e não imagina que o cenário já foi completamente diferente. Uma lama preta, com mau cheiro, repleta de entulho e animais mortos e várias casas ao redor: esse era o Nossa Senhora da Piedade antes da revitalização. Ele já não tinha mais peixes ou plantas. Os ratos invadiam as casas e quem tinha contato com a água logo adoecia.

“A contínua ausência de alunos, devido a diarreias ou febre, começou a chamar a atenção da escola”, conta a professora aposentada Maria José Zeferino, mobilizadora do Núcleo Nossa Senhora da Piedade. Preocupados, os moradores começaram a se mobilizar em combate ao lixo e à sujeira do local. Há cerca de dez anos, surgiu a proposta de criar um parque em torno do Córrego. Muitos moradores recusavam a ideia, preferindo canalizar o Rio e asfaltar as ruas. Mas o Núcleo Manuelzão, a escola municipal do bairro e alguns moradores conseguiram, por meio do Programa de Recuperação Ambiental de Belo Horizonte, o Drenurbs (ver Box), a recuperação do Córrego. As casas foram removidas das margens, o esgoto interceptado e construído o Parque, onde hoje a população pratica atividades de lazer, no entorno de um córrego que tem outra cara.

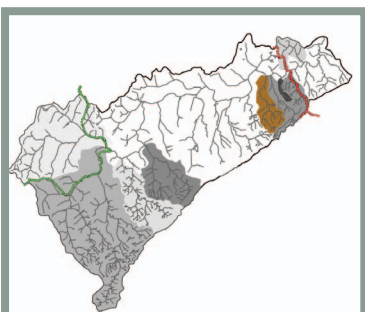


BALEARES: O “BURACO” VIROU PARQUE

O Núcleo Baleares, criado no bairro Jardim Europa, Região Norte de Belo Horizonte, surgiu para tratar a situação do Córrego, que faz parte da Sub-Bacia do Onça. As enchentes, doenças, ocupações irregulares e falta de infraestrutura no bairro eram problemas recorrentes. “Aqui era um verdadeiro buraco com cerca de 200 casas na beira do Córrego”, lembra Maria Leonídia dos Santos, mobilizadora do Núcleo Baleares.

O Núcleo alcançou melhorias como a criação do Parque José Lopes dos Reis, também conhecido como Parque Baleares, em 2008. O nome é uma homenagem ao principal mobilizador do Núcleo, Seu José Lopes, já falecido. A obra faz parte do Drenurbs e abrange uma área de 14 mil m². Lá, o córrego corre livre do esgoto que antes recebia. “Ficaram quase um mês só tirando caminhões de lixo de dentro do Córrego. Melhorou muito”, relembra Maria Luzia de Assis, a dona Nitinha, também mobilizadora do Núcleo.

Já havia uma iniciativa da comunidade antes da proposta do Drenurbs. “As pessoas acham que é só a Prefeitura, os órgãos públicos que podem fazer as coisas, mas nós também temos que ir à luta. Sem luta, a gente não vence”, observa Maria Leonídia. Dona Nitinha conta que, antes mesmo de conhecer o Manuelzão, já se pedia melhorias para a situação do Baleares. O Núcleo já não se reúne há dois anos, mas os mobilizadores continuam atentos, agora lutando pela manutenção e segurança do Parque e melhoria da qualidade de vida no bairro.



NAVIO/BALEIA: UMA ANDORINHA TAMBÉM FAZ VERÃO

Ao longo de 20 anos de trabalho, mais de 380 toneladas de entulho e 260 m³ de plástico foram removidos do vale do Córrego dos Joões – afluente da margem esquerda do Córrego Navio/Baleia, da Bacia do Ribeirão Arrudas –, no bairro Saudade, Região Leste de BH. E o responsável por todo esse trabalho foi Ernesto Soares da Conceição (mais conhecido como Seu Nonô), do Núcleo Navio/Baleia. “O pulo do gato foi ele fazer sozinho há 20 anos atrás o que o Drenurbs faz hoje”, observa a mobilizadora do Núcleo, Mércia Inês Pereira.

“Era um manto negro, sujo, cheio de ratos. Então resolvi começar a fazer a limpeza”, conta Seu Nonô. Ele diz que o trabalho não tem mistério. “Mas existe dedicação e um olhar às futuras gerações”, complementa. Grande quantidade do entulho retirado foi

reaproveitada e reciclada. Na propriedade de Seu Nonô existe um conjunto de nascentes que dá origem ao Córrego. Foi feito o seguinte: o Córrego poluído que entra no lote é desviado para uma caixa onde o entulho é retirado e, de lá, segue dentro de um tubo subterrâneo que o conduz para fora da propriedade e deságua no Navio/Baleia.

“Aí você diz: assim não adiantou. Mas adiantou sim, e muito, porque tem uma parte limpa e é nessa parte limpa que eu tenho os passarinhos, os morcegos, o macaco, o gambá, a saracura, o jacu e várias espécies de plantas”, defende Seu Nonô. Além da grande quantidade de lixo que deixa de ser lançado no Navio/Baleia, o Córrego corre limpo em um trecho de aproximadamente 80 metros. “É uma ilha de frescor no meio da degradação”, acrescenta Mércia. O Núcleo continua lutando pela revitalização do Córrego Navio/Baleia, que ainda recebe esgoto e corre em leito de concreto e gabião.

Exercício de democracia

PESQUISADOR DESTACA A NATUREZA PÚBLICA E DIVERSIFICADA DA MOBILIZAÇÃO

LARISSA FLORES

Estudante de Comunicação Social da UFMG

Grupos, união, objetivos comuns, enfim, mobilização. Nesta edição temos falado em tudo isso. Mas, afinal o que quer dizer essa palavra? “É quando as pessoas se sentem parte de um problema e desejam contribuir para a sua solução”, diz o Relações Públicas da Assembleia Legislativa de Minas Gerais, Rennan Mafrá. Ele atua principalmente na área de comunicação para mobilização social.

A partir de sua dissertação de mestrado, ele lançou, em 2006, o livro *Entre o espetáculo, a festa e a argumentação: mídia, comunicação estratégica e mobilização social*, que tem como tema a Expedição Manuelzão desce o Rio das Velhas, realizada em 2003. “Sempre gostei de entender como a comunicação pode se inserir em processos sociais ligados ao envolvimento coletivo, à política, a questões que são públicas”, conta Rennan. Ele destaca a mobilização como um processo democrático e também educativo, visto que a mudança de comportamento leva um tempo para acontecer.

O que é mobilização?

A mobilização é, teoricamente, o ato de mover alguma coisa com um objetivo específico. Só que a mobilização social, em termos conceituais, tem uma palavrinha mágica do lado que é “social”. É a mobilização da sociedade. Em que contexto isso faz sentido? Em um contexto de uma democracia. Num contexto em que o governo se faz por meio de representantes, mas também da participação das pessoas. Mobilização é esse processo que vai estimular a participação.

E como essa mobilização é estimulada?

De várias maneiras. A mobilização é estimulada por uma crise. É um acontecimento que cai na vida das pessoas e as pessoas têm que lidar com esse tipo de problema. Ela pode ser estimulada por estratégias. Então o Dia Nacional do Combate ao Câncer de Mama, é um dia específico em que movimentos sociais podem criar estratégias para convocar as pessoas. E a mobilização social também pode ser de modo espontâneo. E, espontaneamente, até é desejável que em uma democracia as pessoas se sintam implicadas. Se eu já me percebo como cidadão, automaticamente, diante de um problema público eu vou me sentir parte dele e alguma coisa vou tentar fazer para resolver.

Você citou o Dia do Câncer de Mama, mas também há mobilizações em que o grupo faz protestos na rua. Há uma tipologia de mobilização?

Eu acho que é um pouco arriscado [falar em tipos]. Mobilização é uma coisa só. É quando as pessoas se sentem parte de um problema e desejam contribuir para a sua solução. Como elas vão fazer isso? A partir de várias ações diferentes. Então, uma passeata é uma ação, um telefonema é uma ação, um jornal é um instrumento para gerar uma ação. A gente não pode correr o risco de falar que uma passeata é melhor que um telefonema.

Em suas pesquisas, você fala sobre ações pontuais e ações co-responsáveis. Qual é a diferença entre as duas?

De um olhar estratégico para a mobilização, existe uma grande diferença entre ações pontuais que não têm uma continuidade, que acabam nelas mesmas, que não mostram resultados concretos, de ações co-responsáveis que são aquelas que tendem a se estender mais no tempo. Por exemplo, em uma escola na minha cidade do interior eu quero mobilizar as pessoas para um Núcleo Manuelzão. Eu posso fazer isso de modo pontual: hoje eu vou à escola, amanhã à mercearia, no Dia da Água eu faço uma passeata. Ou eu posso fazer um plano: nós queremos co-responsabilidade nas escolas; vamos criar um agenda de atuação

nas escolas. Não é 100%. Há uma tendência de que as ações tenham uma continuidade no tempo, pelo menos para aquelas pessoas que estão envolvidas.

O que um grupo precisa ter para se manter coeso durante um certo tempo?

Organização política, organização estratégica e organização operacional. O que é uma organização política? Valores. Quais são os valores que nós vamos ter para atuar? E esses valores que vão unificar e dar sentido para todas as outras. De modo estratégico, qual vai ser a minha agenda de trabalho? Dividir responsabilidades. Não precisa ser uma agenda fechada. Nós não estamos lidando com venda, algo que tenha que ter resultados imediatos. Terceiro nível, operacional. Quem vai fazer o quê? Porque se uma pessoa chama outras para participarem de um grupo e ela assume tudo sozinha, não adianta. E se não fizer, tem que cobrar. Ninguém é obrigado a aceitar nada, mas se aceitou, tem que fazer.

O que seria uma “doença” para a mobilização social?

Não pode ter personalismo. A pessoa tem que se desprender de si própria. Não pode se achar melhor que ninguém. Segunda coisa, [evitar] criticar a maneira do outro agir. Se o ou-

tro assumiu a responsabilidade, deixa ele fazer do jeito dele. Se não der certo no final, nós vamos sentar e avaliar. [É preciso] liberdade e autonomia para as pessoas. E outra coisa que é péssimo é o desconhecimento da causa.

Quando a mobilização é bem sucedida?

Quando as pessoas veem um sentido no que elas fazem. Porque é muito difícil, em termos de mobilização, criar uma meta e conseguir essa meta. Ou mesmo o fato de se alcançar uma meta não significa que a mobilização tenha sentido. Eu posso conseguir uma meta passando por cima de todo mundo. Quem lida com mobilização tem que saber que não lida com alguma coisa particular, mas lida com alguma coisa pública e se é público, eu não posso fazer tudo o que eu quero. Nesse sentido, qualquer meta que eu fixar eu tenho que pensar em quem está comigo, se tenho condições de atingir essa meta ou se é melhor pensar outro objetivo. E lembrar que os objetivos podem ser o tempo todo revistos, desde que haja sentido para os que estão envolvidos.

Quando o grupo atinge a meta estabelecida para a mobilização, as ações e a visibilidade da causa deixam de ser produzidas. Isso quer dizer que o movimento está inativo? Não. A gente tem que respeitar que

qualquer processo social passa por momentos de visibilidade e momentos de latência [que não se manifesta]. Um momento de latência não significa, necessariamente, improdutividade. Se não há sentido para as pessoas lutarem em grupo, elas não precisam se unir, e isso não significa que elas não estejam mobilizadas. Porque as conquistas quando realmente aparecerem, não são perdidas facilmente. A ideia do Núcleo, por exemplo, pressupõe tanto que as pessoas precisem se unir, quanto de um reforço em informações, em divulgação para que possam tomar conhecimento das coisas e interagir com outras pessoas em seus espaços de convivência, sem necessariamente estarem juntas no grupo.

A proposta dos Núcleos é uma mobilização eficiente?

Eu acho que sim porque essa organização da ação que o Manuelzão escolheu permite um respeito à autonomia local. Tem coisas em Lassance que são diferentes da microbacia do Onça. Agora, é importante também que a coordenação se coloque no papel de respeitar, mas por outro lado de unificar, distribuindo responsabilidades, conduzindo. É importante também que os Núcleos se unam, porque se um Núcleo nunca tem contato com outro, fica difícil de perceber que está em uma proposta maior. ♦



FOTO: LARISSA FLORES

Rennan Mafra destaca que a mobilização é bem sucedida se as pessoas veem sentido no que fazem

FOTO: CAMILA BASTOS



No alto do morro tinha um córrego

NÚCLEOS LOCALIZADOS EM AGLOMERADOS DE BELO HORIZONTE LUTAM PELOS CÓRREGOS EM MEIO A DIVERSOS PROBLEMAS SOCIAIS

FOTO: MATEUS COUTINHO



Lançamento de esgoto e deposição inadequada de lixo são recorrentes no Taquaril [acima] e no Acaba Mundo [abaixo]

CAMILA BASTOS E MATEUS COUTINHO
Estudantes de Jornalismo da PUC Minas
e de Comunicação Social da UFMG

De grandes cidades a pequenos vilarejos, as comunidades sempre se formaram em regiões onde havia água. Quase sempre essas ocupações foram feitas de maneira desordenada, como em encostas e áreas de cheia. Se em Belo Horizonte isso não foi diferente, nas regiões mais pobres esse processo é agravado e os problemas sociais e ambientais se misturam.

São os casos da Vila Acaba Mundo, na Zona Sul, e do Taquaril, na Zona Leste, ambos próximos a nascentes da Bacia do

Arrudas. Ocupações irregulares, tráfico de drogas e descarte inadequado de lixo são alguns problemas comuns às duas regiões. Com tanta coisa acontecendo, como cuidar do meio ambiente? O Projeto Manuelzão foi importante na busca dessa resposta, trabalhando junto às lideranças comunitárias para a implantação dos Núcleos Manuelzão, divulgadores da visão de bacia que entendem as questões ambientais e sociais como processos interligados.

ACABA MUNDO: ONDE A MOBILIZAÇÃO NÃO ACABA

Entre dois morros separados pelo Córrego Acaba Mundo, a Vila de mesmo nome começou a ser povoada na década de 1950, com a implantação da Mineração Lagoa Seca, que trouxe, junto com os trabalhadores, a ocupação irregular. Hoje, com cerca de 1.300 pessoas, a Vila é assistida por várias entidades que atuam com regularização fundiária, educação ambiental, promoção cultural, economia solidária, e outros.

Elas atuam por meio do Fórum de Entidades do Entorno das Minerações do Acaba Mundo (Femam), que foi construído com recursos da mineradora como uma forma de compensar a exploração. O Femam serve de espaço para articular as lideranças comunitárias e instituições que se mobilizam em prol da Vila.

As redes de iluminação pública e tratamento de esgoto foram conquistas da Associação de Moradores junto com essas entidades. Antes da chegada do Manuelzão já havia preocupação com a limpeza do córrego: “a Associação fazia mutirões, limpava o Córrego e plantava mudas”, lembra Generosa Costa, uma das principais mobilizadoras da Vila, que atua no Femam.

A criação do Núcleo Manuelzão ajudou a intensificar as ações de mobilização e sensibilizar a população sobre a importância de ter as águas limpas. Hoje, a atuação do Núcleo se dá no Femam, com representação no Subcomitê de Bacia

do Ribeirão Arrudas.

A Vila tem problemas com o analfabetismo, tráfico de drogas e alcoolismo. Para os mobilizadores existem questões prioritárias: “as maiores preocupações das lideranças são os córregos, o lixo e as questões fundiárias, que são recorrentes e nunca totalmente resolvidas”, explica Nanda Martins, do Pólos de Cidadania da UFMG, programa que atua pela inclusão e emancipação social.

A Superintendência de Limpeza Urbana de Belo Horizonte (SLU) faz o recolhimento do lixo todos os dias e periodicamente faz a limpeza do Córrego. A atuação da Urbel (Companhia de Urbanização de Belo Horizonte), que é responsável pela política de habitação popular na cidade, acaba refletindo uma pressão imobiliária para retirar os moradores: “tem locais que percebemos que o discurso da área de risco está sendo utilizado politicamente para fazer pressão [para a saída dos moradores]”, explica Cíntia Melo, do Pólos.

Em 2012, a licença da mineradora acaba e a proposta do Femam é criar o Parque Lagoa Seca: “acredito que não vai ser muito fácil conseguir, a mineradora não vai deixar a área de mão beijada”, comenta Generosa. Ela lembra que, caso a licença da mineração seja renovada, a Femam buscará recursos da mineradora para ajudar a população.

TAQUARIL: UMA CIDADE DENTRO DE OUTRA

A ocupação do Taquaril começou em 1981. Hoje, o aglomerado é dividido em 14 setores, sendo dois deles dentro de Sabará. A população é de cerca de 30 mil pessoas, de acordo com o Vila Viva, um programa da Prefeitura de Belo Horizonte, que atua no Taquaril através de articulações buscando aproximar poder público e população, para cumprir o Plano Global Específico (PGE).

O PGE é uma espécie de Plano Diretor, que busca projetar as necessidades da comunidade com ajuda dos moradores. O projeto foi aprovado em 2000, mas só começou a ser executado em 2008. O custo está estimado em mais de R\$ 90 milhões, e deve ser bancado com recursos federais do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) e de outros financiadores.

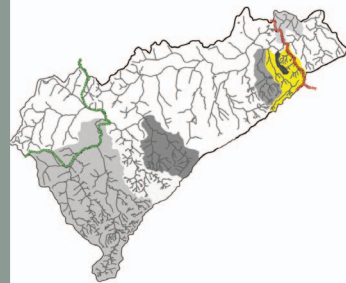
Walter Gomes, o Waltinho, mora há 22 anos na região e é referência quando se trata de mobilização. Ele atua pelo Núcleo de Defesa Civil do Taquaril, dá oficinas pelo Vila Viva e também atua no Centro de Referência em Área de Risco, da região. Suas ações foram reforçadas com a chegada do Projeto Manuelzão: “conhecemos o Manuelzão através da luta mes-

mo, eles vieram nos procurar, e nós topamos fundar o Núcleo aqui”, lembra Waltinho, que sozinho representa o Núcleo Manuelzão no Taquaril.

Os maiores problemas da região giram em torno do tráfico de drogas, da baixa escolaridade da população, das famílias alocadas em áreas de risco e do descarte inadequado de lixo. O Córrego Olaria carrega resíduos de toda espécie, e exala um cheiro insuportável. A questão do lixo acentua os problemas de saúde pública e o Taquaril é um dos maiores focos de dengue da Região Metropolitana de Belo Horizonte.

Faz dois anos que o Núcleo não promove reuniões e atividades na região. Segundo Waltinho, a população não demonstra muito interesse. Em um trabalho de revitalização da praça local foram plantadas várias mudas e no dia seguinte todas haviam sido arrancadas.

Mas ele acha importante retomar as discussões, principalmente por causa do atraso nas obras do PAC prometidas à região. A burocracia e o jogo de interesses envolvidos são muito fortes, e não há previsão para a conclusão dos projetos.



E O MEIO AMBIENTE?

No quesito meio ambiente a Vila Acaba Mundo e o Taquaril apresentam dificuldades em comum. A maior delas é conseguir mobilizar a população, que muitas vezes não participa das ações: “o mais importante é a população querer e é muito difícil ela interessar pela questão ambiental”, explica Waltinho.

Os mobilizadores das duas regiões também percebem que é comum a população pensar que os problemas ambientais são responsabilidade só das lideranças comunitárias: “eles acham que como existe a Associação [de moradores] e o Femam, nós podemos resolver tudo e eles não precisam fazer

nada”, ressalta Generosa. “Quando se fala da questão ambiental pra população ela acha que é um problema do Manuelzão e do governo”, lembra Waltinho.

Nos dois aglomerados grande parte dos moradores vive em áreas de risco, o que agrava as questões ambientais. Muitos habitantes que estão nessas áreas não têm sua propriedade regularizada e vivem sob a ameaça de despejo. Essa insegurança se torna a maior preocupação da população: “quando as pessoas têm a segurança da moradia existe um maior número de atividades relacionadas à preservação ambiental. As pessoas têm interesse de criar um ambiente mais saudável para viver, passam a pensar em algo a longo prazo, diferente de quando têm a insegurança da posse”, explica Natália Marra, advogada que atua no Pólos. ♦

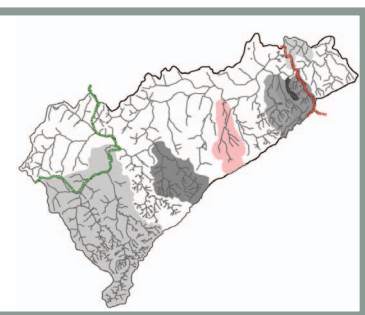


FOTO: CAMILA BASTOS



População despeja lixo em praça, na Vila Acaba Mundo, para ser recolhido pela SLUI

Operação de risco

CONSEQUÊNCIAS DA URBANIZAÇÃO DO ISIDORO COLOCAM EM ALERTA MOBILIZADORES NA SUB-BACIA DO ONÇA

ISADORA MARQUES E JÚLIA MARQUES
Estudantes de Comunicação Social da UFMG

Imagine Belo Horizonte repartida em 100 pedacinhos. Três deles fazem parte de uma região que ainda se conserva pouco ocupada: o Isidoro. A Bacia do Ribeirão Isidoro situa-se na Região Norte de BH e é formada por 280 nascentes e 64 córregos que deságuam no Ribeirão do Onça, principal afluente do Rio das Velhas. A região, último refúgio verde da capital, vem sofrendo intenso processo de especulação imobiliária. Ela faz parte da área conhecida como Vektor Norte, alvo da expansão urbana na Região Metropolitana de BH, onde se localizam o Aeroporto de Confins e a Cidade Administrativa, por exemplo.

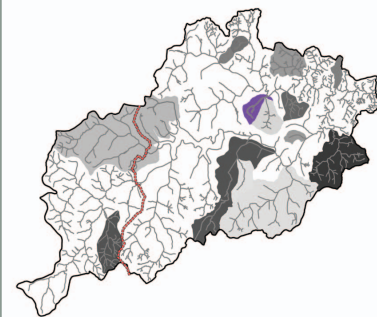
Em julho de 2010, uma revisão no Plano Diretor de Belo Horizonte colocou a Região do Isidoro, que abrange cerca de 10 km², como passível de receber uma operação urbana. A região teve seus parâmetros de ocupação alterados, sendo permitida a verticalização da área e a construção de milhares de unidades habitacionais. Algumas medidas pretendem minimizar os impactos da intervenção, como a construção de dois parques lineares na área, além do compromisso de manter os cursos d'água em leito natural e favorecer a recuperação de matas ciliares.

ATENÇÃO REDOBRADA

Os impactos ainda desconhecidos preocupam mobilizadores de alguns Núcleos Manuzão na região que cuidam os principais Córregos que chegam ao Isidoro: o Núcleo Tamboril, que envolve o bairro Felicidade, Tupi e Floramar, na Região Norte de BH; e Bacuraus, que abrange os bairros Planalto, Vila Clóris e Conjunto Campo Alegre. Esses núcleos se mobilizaram para ampliar as discussões sobre as propostas para a região do Isidoro, na época em que as alterações do Plano Diretor foram votadas. “A gente sabia que ia ser difícil, mas levamos a discussão”, lembra Antônio Soares, mobilizador do Núcleo Tamboril. O Núcleo conseguiu levar três ônibus lotados para debate em audiência pública.

Hoje, com as alterações já definidas, os núcleos buscam alternativas para proteger

as áreas verdes de suas localidades e pretendem ampliar a integração entre eles, para que possam acompanhar mais de perto as intervenções. O consórcio responsável pela obra apresentou em fevereiro deste ano o estudo e o relatório de impacto ambiental e aguarda agora a liberação de licença prévia. O mobilizador do Núcleo Bacuraus, Wanderley de Arruda, propõe reunir os vários núcleos da região do Isidoro, chamar o poder público e a sociedade para, articulados, discutirem a questão. “Talvez não vamos conseguir todos os avanços, mas em algo vamos avançar. Nem que seja na questão da fiscalização sobre as condicionantes estabelecidas, por exemplo. Precisamos alcançar o objetivo de trabalhar juntos. Até hoje trabalhamos de forma muito isolada, faltou uma discussão mais integrada”, explica. ●



BACURAUS: NOVAS FRENTES

O Núcleo Bacuraus surgiu em agosto de 2000 para tratar da situação do Córrego Bacuraus e suas nascentes. Para resolver os principais problemas do lugar – lançamento de lixo, esgoto a céu aberto, mau cheiro, enchentes e ocupação irregular – os mobilizadores acionaram o poder público e definiram ações para melhorar a situação do Córrego. Com o apoio de escolas e igrejas, foram feitas palestras e seminários sobre meio ambiente, missas no entorno do Córrego, teatro de rua e um curso de educação ambiental urbana. “Por fim chamamos a imprensa para mostrar a situação do Córrego. Aí começamos a atingir alguns avanços”, lembra Wanderley.

Uma das conquistas foi a implantação

de uma Unidade de Recebimento de Pequenos Volumes, onde as pessoas podem descartar resíduos como pneus e materiais de construção. Depois de ação na Justiça, a Prefeitura contratou uma empresa para retirar o esgoto do Córrego, construir a pista de cooper e a Avenida Bacuraus. As famílias que viviam às margens do Bacuraus também foram remanejadas para um conjunto de prédios. “Isso ajudou a diminuir o impacto do lixo lançado no Córrego e melhorou a saúde dessas pessoas”, conta Renato Madalena Moreira, mobilizador do Núcleo e morador da região há 30 anos. Há cerca de dois anos, o Núcleo não tem reuniões periódicas, mas as atividades ambientais continuam por meio das associações de bairro.

“Temos para 2011 a questão da Mata do Maciel (ou Mata do Planalto), que o nosso Núcleo pretende defender. É uma Mata muito importante, que tem a fauna e a flora riquíssimas”, explica Wanderley. O Bacuraus nasce no Parque Planalto – também criado com o apoio do Núcleo – e desce pelo lado direito da Mata. Uma construtora comprou a propriedade para construir 8 prédios de 15 andares no local da Mata, uma das últimas áreas verdes da Regional Norte. “Mas o Planalto não tem infraestrutura para suportar os impactos”, afirma o vice-presidente da Associação Comunitária do Bairro Planalto e Adjacências e mobilizador do Núcleo Bacuraus, Antônio Matoso. “O prejuízo será grande: a área tem 30 nascentes, fora as aves. Tem tucano, pica-pau, coruja”, diz Renato.

TAMBORIL: DESAFIOS À VISTA

Uma placa da Prefeitura na beira do Córrego Tamboril indica que é proibido jogar entulho. Mas ali um amontoado de materiais de construção, sacolas plásticas e muita areia chamam a atenção para a deposição inadequada de lixo, um dos maiores desafios para o Núcleo Tamboril, formado em 2001 na Sub-bacia do Onça. Apesar de o Núcleo não mais realizar reuniões periódicas, a mobilização pelas questões do Tamboril não foi interrompida. E são muitas.

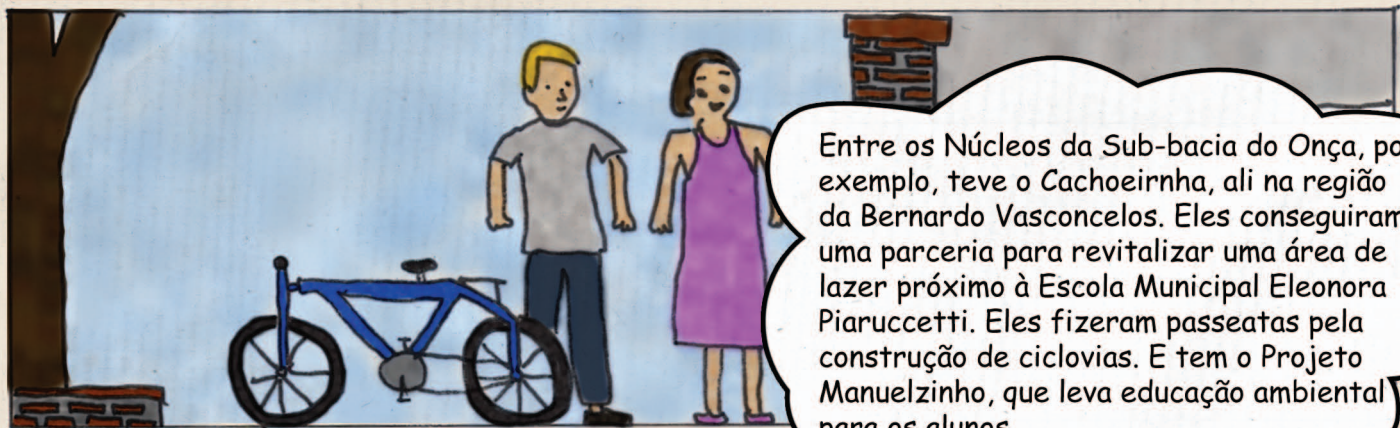
O Tamboril é um Córrego poluído que deságua diretamente no Isidoro, depois de percorrer 3.300 metros. A região sofre ocupação irregular e enfrenta o desafio de captar o esgoto. “A Copasa chegou a interceptar parte do esgoto, mas a outra parte continua caindo dentro do Córrego”, lamenta Antônio.

O crescimento urbano também assusta: a Operação Isidoro

pode ampliar as dificuldades do Tamboril, que está bem próximo à Granja Werneck, área que deve ser ocupada para construção de unidades habitacionais. Com o projeto já aprovado, os mobilizadores sentem dificuldade em pensar ações, mas ainda veem o papel dos núcleos como fiscalizadores do processo de urbanização. “Não tem mais o que fazer a não ser brigar pelo que já está proposto, garantir pelo menos os dois parques e algumas pequenas áreas de preservação”, acredita Antônio.

Apesar das dificuldades, o ideal da revitalização do Tamboril permanece. “Tento, no meu dia a dia, mostrar às pessoas a importância de preservar, de recuperar as nascentes e matas ciliares. Pra mim é muito fácil cruzar os braços, nem tô lá perto do rio mesmo, mas será que eu tenho que pensar só em mim?”, questiona Antônio.





Entre os Núcleos da Sub-bacia do Onça, por exemplo, teve o Cachoeirinha, ali na região da Bernardo Vasconcelos. Eles conseguiram uma parceria para revitalizar uma área de lazer próximo à Escola Municipal Eleonora Piaruccetti. Eles fizeram passeatas pela construção de ciclovias. E tem o Projeto Manuelzinho, que leva educação ambiental para os alunos.

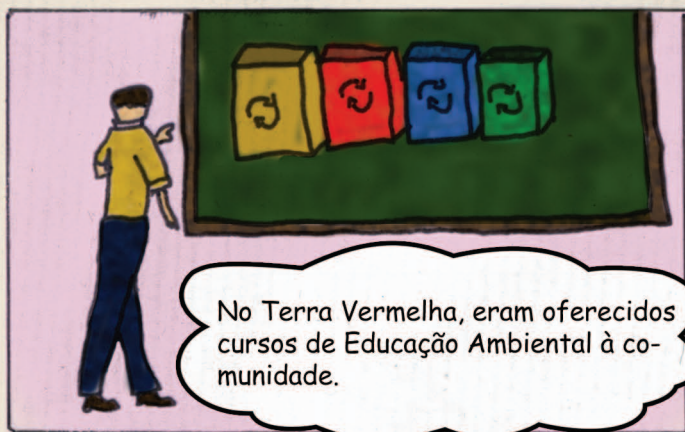
No Embiras, que muita gente conhece como Biquinhas, o pessoal do Centro de Saúde Heliópolis falava para a comunidade sobre os cuidados com o lixo. Havia mutirões para limpar o córrego. Até um plano de remoção e reassentamento foi desenvolvido.



Já no Núcleo do Córrego Gorduras, no baixo Onça, o pessoal fazia caminhadas ecológicas com escolas no Parque Escola Jardim Belmonte. Também levava a meninada para conhecer o encontro do Ribeirão Onça com o Rio das Velhas.



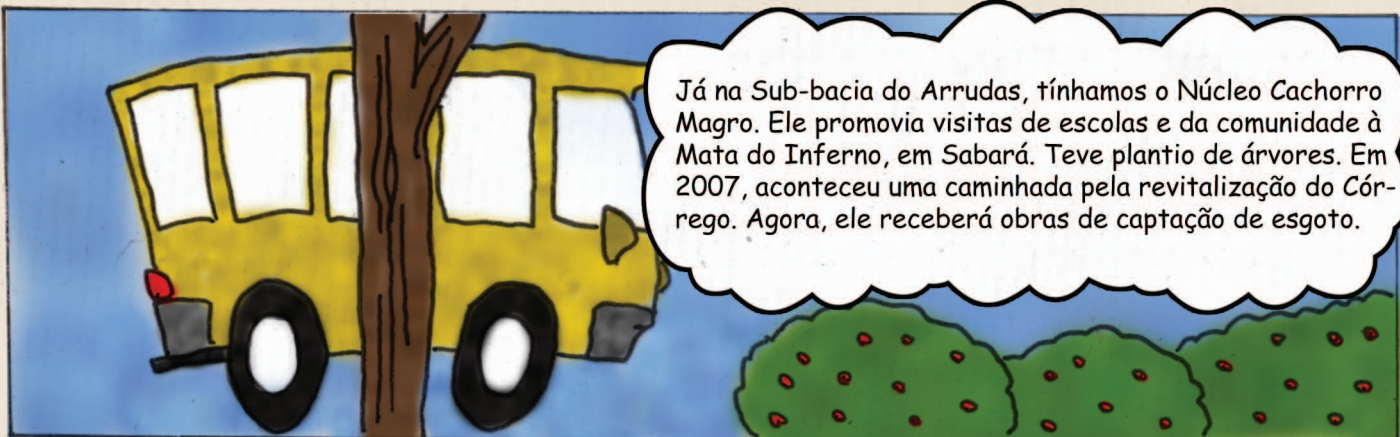
No Terra Vermelha, eram oferecidos cursos de Educação Ambiental à comunidade.

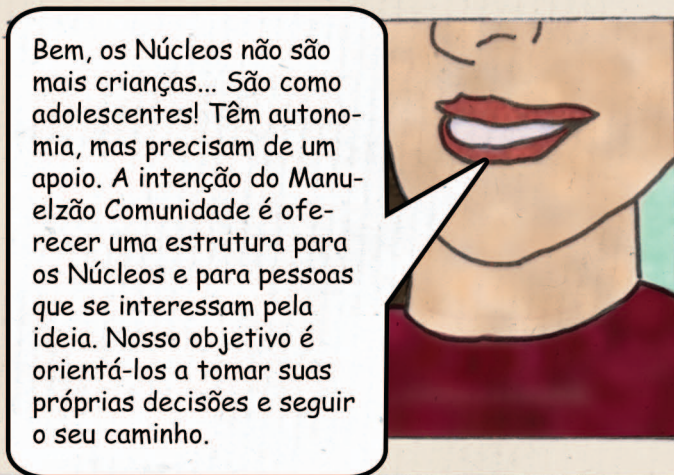


E os mobilizadores do Serra Verde, com a ajuda do GEM, fizeram o mapeamento de nascentes na região.

ACHEI UMA

Já na Sub-bacia do Arrudas, tínhamos o Núcleo Cachorro Magro. Ele promovia visitas de escolas e da comunidade à Mata do Inferno, em Sabará. Teve plantio de árvores. Em 2007, aconteceu uma caminhada pela revitalização do Córrego. Agora, ele receberá obras de captação de esgoto.





FestiVelhas

Manuelzão 2011

ARTE E TRANSFORMAÇÃO



Neste ano, o Dia Mundial do Meio Ambiente será comemorado de forma especial pelo Projeto Manuelzão. Nos dias **4 e 5 de junho**, o Campus Pampulha da UFMG receberá o **FestiVelhas Manuelzão 2011 – Arte e Transformação**. Com o formato de um teatro, o evento incitará debates, reflexões e manifestações de todas as partes da Bacia. O objetivo é aprofundar a compreensão e a discussão sobre a relação entre cultura, sociedade e ambiente, transformando o Campus em um espaço de comemoração pela vida e reflexão sobre o futuro do planeta. Em meio a palestras com temáticas variadas, haverá exposições, apresentações musicais, danças, e intervenções provocativas do Teatro Manuelzão. Venha fazer parte dessa comemoração!

Informações e inscrições no site www.manuelzao.ufmg.br.

Realização



Patrocínio



Apoio

